

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ANDRADE, Janilto. *A arte e o feio combinam?* Pernambuco: Fasa editora, 2006.
- AUDI, Robert (org.). *Cambridge dictionary of philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- AUERBACH, Eric. *Mimesis*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- AZEVEDO, Luciene. “Representação e performance na literatura contemporânea”. In: *Aletria, volume 16*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_pgs/Aletria%2016/06-Luciene-Azevedo.pdf. Acessado em 16/01/2010.
- BARZUN, Jacques. “Introduction”, em GUSTAVE, Flaubert. *The Dictionary of Accepted Ideas*. Nova York: New Directions, 1968.
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *O novo romance histórico brasileiro*. Em: http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_15.pdf. Acessado em 23/01/2010.
- BELTING, Hans. *O fim da história da arte*. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- BLANCHOT, Maurice. “A leitura de Kafka”. In: *A parte do fogo*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- . “Falar não é ver”. In: *A conversa infinita: a palavra plural*. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BRITO, Ronaldo. *A semana de 22: o trauma do moderno*, in Vários autores, *Sete ensaios sobre o modernismo*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CANDIDO, Antonio. “A literatura e a vida social”. In: *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Flávio. “Das vanguardas ao pós-utópico: ficção brasileira no século XX”. In: *No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CARRASCOZA, João Anzanello. “Dias raros”. In: *O volume do silêncio*. Cosac Naify: São Paulo, 2006.

CARRASCOZA, João Anzanello. *Hotel solidão*. São Paulo: Scritta, 1994.

———. *O vaso azul*. São Paulo: Ática, 1998.

———. *Duas tardes*. São Paulo: Boitempo, 2002.

———. *Meu amigo João*. São Paulo: Melhoramentos, 2003.

———. *Dias raros*. São Paulo: Planeta, 2004.

———. *O volume do silêncio*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

CONDE, Miguel. “Marcelino Freire, Luiz Ruffato e os excluídos”. In: *Prosa Online*, 28 de outubro de 2008. Disponível em <http://tinyurl.com/ycs5ksj>. Acessado a 29/01/2010.

DALCASTAGNE, Regina. “A personagem do romance brasileiro contemporâneo”. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*. Número 26. Brasília: UnB, 2005. Em: http://www.cronopios.com.br/anexos/regina_dalcastagne.swf. Acessado a 23/01/2010.

DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte*. Tradução de Saulo Krieger. São Paulo: EdUSP/Odyseus, 2006.

DA SILVA, Franciele Queiroz. “A literatura marginal (periférica) no contexto contemporâneo”. Em: <http://tinyurl.com/yajpm2f>. Acessado a 23/01/2010.

DIAS, Ângela Maria. “A ‘pornografia terrorista’ de André Sant’Anna”. In: *Cruéis paisagens: literatura brasileira e cultura contemporânea*. Niterói: EdUFF, 2007.

DUTTON, Dennis. “Kitsch”. In: *The dictionary of art*. Londres: Macmillan, 1998.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. Tradução de Pérola de Carvalho. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1970.

FLAUBERT, Gustave. *Correspondance*. Em <http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/53i.html>. Acessado em 16/01/2010.

———. *Madame Bovary*. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

FREIRE, Marcelino. *Rasif: mar que arrebenta*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

———. “Totonha”. In: *Contos negreiros*. Record: Rio de Janeiro, 2005.

———. *Angu de Sangue*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

———. *Contos negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

———. *BaléRalé*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

GOMBRICH, E.H. “O experimento da caricatura”. In: *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

GOMES, Renato Cordeiro. “Literatura e resíduos utópicos: heterogeneidade cultural e representações da cidade”. In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (orgs.). *Literatura e cultura*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2003.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “História da literatura: fragmento de uma totalidade desaparecida?” In: OLINTO, Heidrun Krieger (org.). *Histórias de literatura. As novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Porto Alegre: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. “The language of fiction: creating the heterocosm of fictive referents”. In: *Narcissistic narrative: the metafictional paradox*. Waterloo: Wilfried Laurier University Press, 1980. Disponível em: <https://tspace.library.utoronto.ca/bitstream/1807/9456/7/Chapter%206-No%20Printing.pdf>. Acessado em 20/01/2010.

ISER, Wolfgang. *The fictive and the imaginary: charting literary anthropology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993.

———. *Prospecting: from reader response to literary anthropology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1993.

———. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. Editora 34: São Paulo, 1996.

JAGUARIBE, Beatriz. *O choque do real*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KATAEV, Vladimir. *If Only we could know! An interpretation of Chekhov*. Chicago: Ivan R. Dee, 2002.

KUNDERA, Milan. *The curtain*. Nova York: HarperCollins, 2006.

———. *A insustentável leveza do ser*. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LIPKING, Lawrence. “The trout in the milk”. In BROWN, Marshall (org.): *The uses of literary history*. Londres: Duke University Press, 1995.

LOPES, Denilson. *A delicadeza*. Brasília: UnB/Finatec, 2007.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: 2002, José Olympio.

MOURA, Flavio. “A trama traiçoeira de Nove Noites – entrevista com Bernardo Carvalho”. In: *Trópico*, <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1586,1.shl>. Acessado em 23/01/2010.

MOUTINHO, Marcelo. “Inútil palavra”. In: *O Globo*, 14 de outubro de 2006.

———. “Literatura que brilha mas sucumbe às grades invisíveis do panfletarismo”. In: *O Globo*, 28 de abril de 2007.

MORICONI, Italo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

OLIVEIRA, Nelson de (org.). *Geração 90: manuscritos de computador*. São Paulo: Boitempo, 2001.

OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik. “Novas formas de narrar na cena literária”. In: *Palavra*, nº 9. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. “Contos negreiros: a escrita como forma de aproximação do outro”. In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé e CHIARELLI, Stefania. (orgs.). *Alguma prosa – ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PERKINS, David. *Is literary history possible?* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1992.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo*. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SALGUEIRINHO, Leandro. *Paralelos e confrontos a partir da ficção de André Sant’Anna*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado, PUC-Rio, 2004.

SANT’ANNA, André. *Amor*. Sabará: Edições Dubolso, 1998.

———. *Amor e outras histórias*. Lisboa: Edições Cotovia, 2001.

———. *O paraíso é bem bacana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006/

———. *Sexo e amizade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

———. *Inverdades*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. “À procura de um novo realismo – teses sobre a

realidade em texto e imagem hoje”. In: OLINTO, Heidrun Krieger e SCHOLLHAMMER, Karl Erik (orgs.) *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Loyola, 2002.

———. *Os caminhos do realismo na cultura da ferida*. Inédito, 2007.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Achiamé: Rio de Janeiro, 1984.

———. “Escalas e ventríloquos”. In: *Folha de S. Paulo*, 23 de julho de 2000. Disponível em <http://tinyurl.com/y8r2vqv>. Acessado a 23/01/2010.

———. “Hagiografias”. In: *Inimigo rumor, nº 20*. São Paulo e Rio de Janeiro: Cosanaify e 7Letras, 2008.

SANT’ANNA, André. “Sexo”. In: *Sexo e amizade*. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. “As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari”. In: *Ipotesi, volume 5, número 2*. Juiz de Fora, 2001.

———. “O espetáculo e a demanda do real”, em João Batista de Macedo Freire Filho, *Comunicação, cultura, consumo*. Rio de Janeiro: e-papers, 2005, pp. 207-224.

SONTAG, Susan. *Notes on ‘Camp’*. Em <http://www9.georgetown.edu/faculty/irvinem/theory/Sontag-1964.html>. Acessado em 9/11/2008.

TEIXEIRA, Eduardo de Araújo. “Marcelino Freire: entre o rap e o repente”. In: *Protocolos críticos*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VIDAL, Paloma. “O ventríloquo cínico – Sobre *O paraíso é bem bacana*, de André Sant’Anna”. In: DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé e CHIARELLI, Stefania. *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

ZILBERBERG, Claude. *Síntese da gramática tensiva*. Tradução de Luiz Tatit. São Paulo: inédito, 2002.

ZUMTHOR, Paul. *Oral poetry: an introduction*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1990.

WELLBERY, David E. *A new history of german literature*. Cambridge: Harvard University Press, 2004. Página xxii, minha tradução.

P.S.

Como foi sugerido na introdução, essa dissertação não é tanto o desenvolvimento de uma questão quanto uma sucessão de tentativas de formulá-la. Minha intenção básica era descrever a experiência da leitura de alguns autores contemporâneos como uma vivência de constrangimento e intoxicação, pois neles a modulação ostensiva da voz narrativa parece exigir do leitor uma espécie de consonância, compartilhamento da sensibilidade restrita concretizada pela escrita. Mesmo essa formulação, no entanto, é feita agora *a posteriori*, como uma elaboração possível das intuições que orientaram as leituras críticas dos três autores estudados: João Anzanello Carrascoza, Marcelino Freire e André Sant’Anna. Os ensaios em que tentei precisar os pressupostos de minha leitura foram na verdade escritos posteriormente aos textos críticos, de modo que estes fazem antes um esboço do que uma aplicação das formulações daqueles. Essa conclusão, portanto, não funciona como fecho de um “todo” que afinal inexistente, mas como derradeiro desdobramento (nessa dissertação pelo menos) dessa reflexão em torno de algumas experiências de leitura.

Quem lê um livro de ficção não se limita a atualizá-lo na própria imaginação, como sucessão de significados e visões, mas também ouve o que ele diz – faz do próprio corpo um condutor de sons, ritmos, ênfases, intensidades. Hans Robert Jauss falava das obras literárias como partituras, atualizadas pelo leitor a partir de seu horizonte de expectativas. Essa metáfora poderia ser estendida para além de seu modelo hermenêutico, para que ao ato de construir sentido seja acrescentado o de materializar o som, ambos incluídos entre as atribuições possíveis do que chamamos de intérprete. Para Barthes, essa experiência erótica da linguagem se intensifica à medida em que há uma subtração de sentido que faz com que o texto seja percebido como menos legível, o que diminui a fluência da leitura e demanda um corpo a corpo com as palavras. Deleuze encontra intensidades num limite não representativo e mesmo assintótico do texto, onde se produzem visões e audições, num processo de delírio da língua que instaura uma zona de avizinhamento, um devir, “passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”. Ambos procuram, por caminhos diferentes, dar conta de uma experiência de indeterminação criada pelo literário, associada a uma

suspensão de sentido de que também falará Blanchot, como a “estranha luz impessoal” da literatura.

Menciono esses autores não para explicitar tardiamente uma suposta influência deles em minha leitura, mas, pelo contrário, para demarcar de maneira mais clara, por contraposição, o que considero ser a questão recorrente dos cinco ensaios reunidos aqui: uma experiência de vinculação entre o sensível e o semântico no texto literário, na qual a dimensão erótica da leitura não surge como resultado de uma indeterminação do significado, mas participa de sua constituição. Talvez seja possível falar aqui num retorno ao sentido e à legibilidade, não exatamente aquela rejeitada pelas vanguardas, mas uma que se constrói pela conjugação entre o campo semântico e a materialidade do texto. A noção de inflexão, como um acento afetivo que se efetua tanto pelas palavras escolhidas quanto pela cadência e sintaxe em que elas se articulam, é uma tentativa de pensar essa imbricação, cujo efeito descrevi como o de uma circunscrição do imaginário do leitor. Em meio às dúvidas e incertezas, a literatura brasileira contemporânea também dá exemplos de uma reinvenção da assertividade.